

TRADUÇÃO

O Imperialismo e a guerra¹

Fonte: International Socialist Review, novembro de 1914.

Karl Kautsky (Setembro de 1914)

Traduzido: William E. Bohn.

Transcrito: para marxists.org, março, 2002.

(Nota: A primeira tarefa dos socialistas em relação à guerra é compreendê-la. O fato de termos uma chave para o enigma que confunde a intelectualidade nacional constitui uma grande vantagem na atual campanha política. O artigo a seguir é uma aplicação dos princípios socialistas ao

problema fundamental que demanda solução. Ele tem sua autoridade acrescida pelo fato de, com exceção dos últimos parágrafos, ter sido escrito várias semanas antes do início das hostilidades. Este texto foi publicado em Die Neue Zeit em 11 de setembro.)

O desenvolvimento do trabalho assalariado, a substituição da produção simples pela produção capitalista estimulam fortemente a produção industrial.

O capitalista – enquanto capitalista – não trabalha na empresa da qual extrai seus lucros. O pequeno produtor independente, trabalhando com suas próprias mãos, tem motivos para reduzir as horas de trabalho. Esses motivos não existem para o capitalista. Deve-se ter em mente que isso se refere, é claro, ao artesão do tempo em que o trabalho independente estava no auge, antes de ser reduzido ao estado de franca miséria pela competição com os capitalistas.

O capitalista tem homens trabalhando para seu proveito. Para ele, o desgaste desses trabalhadores nada significa. Quanto mais horas trabalharem, mais lucros terá.

Apesar disso, o capitalista individual precisa encontrar outros meios de aumentar a produção, uma vez que o desenvolvimento nessa direção tem limitações físicas precisas. Entretanto, tal limitação não se aplica ao número de trabalhadores que podem ser empregados. Se ele vai empregar 10, 100 ou 1.000, isso depende exclusivamente da extensão de seu capital. E cada empregado adicional significa um aumento em seus ganhos.

Com um investimento de capital acrescido e um maior número de trabalhadores vem, naturalmente, um aperfeiçoamento das máquinas,

uma maior divisão do trabalho, métodos avançados de obtenção de matérias-primas e de comercialização dos produtos. Assim, independentemente da velocidade com que cresceu o número de trabalhadores na indústria, o aumento do montante de capital investido por trabalhador foi muito mais acelerado. E, na mesma proporção em que cresceram os lucros do capitalista individual, cresceu a soma que é incapaz de consumir.

Esse acúmulo precisa ser constantemente reinvestido para que o processo capitalista tenha continuidade.

Evidencia-se aqui uma enorme diferença entre a agricultura e a indústria. As possibilidades de investimento nesta são imensamente maiores do que naquela. Isso não significa que um proprietário de terras que imprima um caráter capitalista à produção agrícola tenha menos chances de acumular lucros do que um capitalista industrial. Mas implica, sim, que em determinados distritos as possibilidades de investir capital na agricultura sejam mais limitadas do que as possibilidades de investi-lo na indústria. As razões dessa diferença podem ser encontradas em vários fatores técnicos e sociais.

A agricultura lida com a produção e reprodução de organismos vivos. Esse processo não pode ser arbitrariamente facilitado ou estendido através do aumento do número de trabalhadores a ele dedicados. A indústria, ao contrário, pode ser ampliada indefinidamente enquanto o suprimento de trabalho e de matérias-primas for assegurado.

¹ O presente artigo foi traduzido por Diana Berman (historiadora, tradutora e revisora) a partir da versão para a língua inglesa do texto de Kautsky, "Der Imperialismus", feita por William E. Bohn e publicada na International Socialist Review de novembro de 1914 sob o título "Imperialism and the war".

Essa versão encontra-se disponível no site www.marxists.org. Infelizmente, não nos foi possível localizar, até agora, o texto original em alemão. Foram pesquisados os catálogos digitais da uff, ufrj, puc-rio, puc-sp, usp e unicamp; além dos sites www.gutenberg.com e www.scholar.google.com.

Além disso, a indústria depende muito menos de terra do que a agricultura. Se um capitalista industrial tiver dinheiro suficiente, ele terá pouca dificuldade em aumentar o número de empregados de 10 para 100. Ele pode, quase sempre, assegurar o terreno necessário à ampliação de suas instalações. O capitalista agricultor encontra-se numa posição diferente. Se quiser contratar dez vezes mais homens do que tinha até o momento, precisará de dez vezes mais terras. No entanto, as terras além das suas são propriedade privada de seus concorrentes. Mesmo que consiga obtê-las, estará apenas tomando a seu cargo os trabalhadores que lá já estavam, não havendo, conseqüentemente, aumento da mão-de-obra empregada no distrito. Num país estabilizado, um acréscimo no número de trabalhadores agrícolas está fora de questão, a menos que haja uma mudança nos métodos de produção.

No caso da indústria, por outro lado, pode haver, num determinado país ou região, um aumento do número de empresas, de seu tamanho médio e do total de trabalhadores empregados, ainda que os métodos produtivos se mantenham os mesmos.

Os avanços técnicos, por sua vez, afetam a indústria e a agricultura de modos distintos. Em ambos, certamente, eles tendem a diminuir o número de trabalhadores proporcionalmente ao capital investido e ao total da produção. Na indústria, todavia, essa diminuição tem sido apenas relativa, nunca absoluta. Ao invés de um decréscimo no número de trabalhadores, tem havido um rápido crescimento do capital investido e do total produzido. Já na agricultura, a diminuição do número de trabalhadores freqüentemente tem sido não apenas relativa, mas absoluta.

Essa diferença é acentuada por uma outra circunstância. Mesmo quando a indústria é separada da agricultura, esta segue sendo a base da sociedade pois não podemos existir sem o permanente aparecimento de novos produtos agrícolas. Nas cidades, dificilmente podemos sobreviver por um dia sem novos suprimentos de farinha, leite, carne e vegetais. Mas poderíamos usar nossas roupas e chapéus velhos por mais algum tempo e, assim, seguir em frente sem novas vestimentas. Da mesma forma, o fabricante de produtos de algodão não pode seguir produzindo sem novas importações de algodão, mas, mesmo que seus teares estejam velhos, ele pode fazê-los trabalhar por mais um ano.

Mas isso não é tudo.

Os produtos agrícolas são menos variados do que os da indústria e seu valor é mais estável. Grãos e

leite, carne e batatas são, por toda a parte, os principais meios de subsistência; eles não estão sujeitos às variações da moda. Agora, se você quiser um casaco novo, quantos novos materiais não estão à sua disposição? E como os estilos mudam rápido! O tecelão que precisa de uma nova máquina pode escolher entre vários modelos, e o progresso em sua indústria demanda constantemente novos e melhores equipamentos.

De tudo isso decorre que se deve atentar, na indústria capitalista, para um poderoso fator que quase não se manifesta na agricultura, mesmo quando conduzida capitalisticamente. Esse fator é a competição, a luta entre várias empresas pelo mercado. O industrial capitalista precisa cultivar seu mercado com muito mais cuidado do que o proprietário de terras. As dificuldades dos produtores agrícolas devem-se mais aos intermediários do que aos competidores.

E a situação sofre uma mudança constante, desvantajosa para a indústria. O capital industrial cresce permanentemente e a agricultura o segue a uma distância cada vez maior. A população industrial aumenta regularmente e, com ela, a demanda por hortifrutigranjeiros, para seu sustento, e por matérias-primas. Enquanto isso, a população camponesa diminui relativa, se não absolutamente, e sua demanda por produtos industrializados sofre uma queda constante.

Na luta concorrencial, as maiores e mais bem equipadas empresas têm vantagem sobre as outras. Quanto mais exacerbada se torna a competição, maior é a necessidade de cada empresa de aumentar suas instalações e aprimorar seus equipamentos.

Até aqui apresentamos a acumulação de capital apenas do ponto de vista de sua conveniência para o capitalista individual. Precisamos, agora, encará-la numa perspectiva diferente. Mais do que uma conveniência; ela é uma necessidade. Para o capitalista, o crescimento de sua indústria é uma condição necessária à vida. Ele não pode esperar até que haja uma maior demanda para os seus produtos. Precisa aumentar sua produção e, se a demanda não cresce naturalmente, deve ser estimulada artificialmente.

A intensidade da concorrência resulta do fato de que o impulso rumo à acumulação de capital e ao aumento da produção é muito maior na indústria do que na agricultura. Esse fator, que é, em primeiro lugar, um resultado da diferença entre a indústria e a agricultura, acaba por aprofundar essa distinção.

Essa situação apresenta um problema importante.

A indústria deve se desenvolver rapidamente sob condições capitalistas ou a sociedade afundará na miséria. A agricultura está permanentemente dispensando trabalhadores. Mesmo onde o número de trabalhadores agrícolas se mantém estável, o acréscimo populacional é enviado para as cidades. A indústria atrai constantemente um número cada vez maior de pessoas. O desemprego se manifesta instantaneamente se o desenvolvimento industrial não é suficientemente rápido. Por outro lado, quanto mais feroz se torna a concorrência, mais os capitalistas são forçados a expandir seus negócios. Se o mercado não se amplia no mesmo passo, o capitalista se vê frente à falência.

Quando a indústria se expande, é preciso que a agricultura a acompanhe. Ela deve fornecer quantidades crescentes de matérias-primas e meios de subsistência; e precisa, ainda, consumir os produtos industrializados com os quais se compram os produtos agrícolas.

Como isso é possível se a acumulação de capital é muito mais rápida na indústria do que na agricultura?

De acordo com Malthus, a população cresce em progressão geométrica, isto é, 1, 2, 4, 8, 16 etc., enquanto os meios de subsistência aumentam em progressão aritmética, ou seja, 1, 2, 3, 4, 5 etc. Para ele, isso é uma lei populacional. Na realidade, entretanto, isso se manifesta como uma lei da acumulação capitalista. Vista dessa maneira, ela não é tão terrível quanto Malthus a concebeu. De acordo com ela, a população industrial de uma região cresce numa proporção do tipo 1, 2, 4, 8, 16, enquanto a população agricultora permanece estável ou diminui. E, ao mesmo tempo, a produção total de um trabalhador industrial aumenta muito mais rapidamente do que a de um trabalhador rural. Em qualquer distrito, seria impossível à indústria levar adiante a acumulação necessária à continuidade de sua existência se ela se limitasse aos mercados daquele distrito. A acumulação capitalista na indústria só pode progredir livremente quando quando a área agrícola que a supre de matérias-primas e consome seus produtos encontra-se em constante crescimento.

Uma vez que a produção agrária tem uma dupla relação com a indústria, uma ruptura entre elas pode se manifestar de duas maneiras. De um lado, se o mercado para os produtos da indústria nos distritos rurais não se ampliar na mesma velocidade de sua produção, teremos a chamada super-produção. De

outro, se a agricultura não der conta de produzir uma quantidade suficiente de matérias-primas e alimentos, então sofreremos um aumento do custo de vida. Não resultando de outras considerações que extrapolam os limites da presente discussão, estes fenômenos relacionam-se intimamente. Qualquer um dos dois pode rapidamente levar ao outro. O aumento dos preços gera pânico, que é apenas um outro nome para super-produção, e o pânico leva à queda de preços.

Por outro lado, o contínuo esforço da indústria para ampliar a região agrícola através de relações que permitem-na manter sua atividade pode tomar as mais variadas formas. É verdade que esse esforço é necessário à continuidade da existência do capitalismo, mas isso não significa que o capitalista seja compelido a recorrer a qualquer método de expansão em particular.

Uma das formas desse esforço chama-se imperialismo. Ela foi precedida por uma outra, conhecida como livre-comércio. Há meio século atrás, esta era encarada como a última palavra do capitalismo, assim como o imperialismo o é hoje em dia.

O livre-comércio tornara-se um princípio regulador através do qual se garantia a predominância da indústria capitalista inglesa. A Grã-Bretanha deveria ser a manufatura do mundo, e o mundo deveria ser uma imensa região agrária a ser explorada pela Inglaterra, consumidora de seus produtos e fornecedora das matérias-primas e dos meios de subsistência a ela necessários.

Mas esse lindo sonho rapidamente chegou ao fim.

Os Estados agrários tendem continuamente a erguer sua própria indústria. Inicialmente foram os países da Europa Ocidental e os estados do leste da América que passaram por essa fase e se tornaram concorrentes da Inglaterra. Eles opuseram ao livre-comércio inglês os seus sistemas de tarifas. Pretendiam repartir as vantagens do comércio com as zonas agrárias entre as grandes potências industriais. A Inglaterra teve que se defender contra esse movimento, e esse foi o começo do imperialismo.

O imperialismo foi especialmente fomentado pelo investimento de capitais em países agrários. Para desenvolver os recursos de regiões escassamente povoadas, foram construídas estradas de ferro. Para protegê-las e garantir sua operacionabilidade, precisava-se de governos que pudessem zelar pelos interesses dos capitalistas e se

comprometessem a tal. Os governos de suas próprias nações naturalmente serviam mais eficientemente aos propósitos desses capitalistas. Essas observações se aplicam também aos investimentos extensivos que visavam o desenvolvimento da mineração ou de qualquer outra fonte de insumos.

Assim, com a tendência a exportar capitais para territórios agrícolas, consolidou-se o esforço para reduzi-los a um estado de dependência política.

Há um outro elemento dessa situação a contribuir para isso. Já foi notado que existe uma tendência, em toda região agrária, a desenvolver uma indústria independente. No caso de um país que tenha recebido investimento estrangeiro se mostrar capaz de estabelecer sua própria indústria e de manter sua independência política, os benefícios para os capitalistas estrangeiros serão apenas temporários, como ocorreu com os Estados Unidos e a Rússia. Ao invés de fornecedor de matérias-primas e de consumidor de produtos finais, tal país logo se torna um competidor. Esse fato passa a ser um fator de peso a influenciar os capitalistas no sentido de procurar estabelecer a dependência das novas áreas, seja transformando-as em colônias, seja colocando-as em sua esfera de influência. Pretendem mantê-las como regiões agrárias através de uma legislação desfavorável, que impeça sua industrialização.

Essas são as principais raízes do imperialismo.

Vimos que o imperialismo substituiu o livre-comércio como um meio da expansão capitalista. Isso nos coloca frente a uma importante questão: será o imperialismo a forma final da política capitalista mundial, ou devemos ainda esperar por uma outra? Em outras palavras, será o imperialismo o único meio de manutenção da necessária relação entre indústria e agricultura dentro dos limites do sistema capitalista?

Não há dúvidas quanto à resposta. A construção de vias férreas, a exploração mineradora, a crescente produção de matérias-primas e meios de subsistência tornaram-se necessárias à existência do capitalismo. A classe capitalista não cometerá suicídio; nenhum partido capitalista irá capitular diante dessas contingências. O esforço para conquistar regiões agrárias, para submeter suas populações à escravidão, é tão inevitável à sobrevivência do capitalismo que impede que qualquer grupo capitalista se lhe oponha seriamente. A subordinação desses territórios somente cessará quando suas populações ou a classe trabalhadora dos grandes países industrializados tornarem-se fortes o suficiente para determinar o seu fim.

Essa fase do imperialismo só poderá ser superada pelo Socialismo.

Mas o imperialismo tem uma outra etapa. O esforço para subjugar as regiões agrícolas deu origem a graves conflitos entre as grandes potências capitalistas. Essas disputas provocaram uma tremenda competição armamentícia, a qual finalmente resultou na tão profetizada guerra mundial. Será essa etapa do imperialismo necessária à manutenção do capitalismo? Ela desaparecerá apenas com o fim do próprio capitalismo?

Não há nenhuma razão econômica para a continuação da grande competição na produção de armamentos depois de acabada a presente guerra. No máximo, tal continuação serviria apenas para alimentar os interesses de uns poucos grupos capitalistas.

Mais do que isso, a indústria capitalista encontra-se ameaçada pelas disputas entre os vários governos. Todo capitalista de visão deveria conclamar seus associados: "Capitalistas de todo o mundo, univos!"

Em primeiro lugar, é preciso levar em conta a crescente oposição das regiões agrícolas mais desenvolvidas, que constitui uma ameaça não apenas a um ou outro governo capitalista, mas a todos em seu conjunto. Isso se refere tanto ao despertar da Ásia Oriental e da Índia, quanto ao movimento pan-islâmico da Ásia Menor e da África do Norte.

Na mesma categoria está a crescente oposição do proletariado das nações industrializadas a tributos adicionais.

A tudo isso soma-se o fato de, depois do fim da guerra dos Balcãs, o custo dos armamentos e da expansão colonial ter chegado ao ponto de ameaçar a acumulação de capital, colocando em perigo a própria base do imperialismo.

A acumulação industrial interna ainda avançava, graças ao progresso tecnológico da indústria. Mas o capital não estava mais se dirigindo ao exterior. Isso se comprova pelo fato de que os governos europeus estavam tendo dificuldades em quitar suas dívidas. A taxa de juros estava constantemente subindo.

Aqui estão dados que mostram preços pagos durante dez anos:

	<i>Dívida Imperial a 3%</i>	<i>Dívida Francesa a 3%</i>
1905	89	99
1910	85	97
1912	80	92
1914	77	83

Se o aumento da produção armamentícia continuar a fazer suas demandas no mercado financeiro, essa tendência deve piorar – e não melhorar – depois da guerra. O imperialismo está cavando sua própria cova, pois ao invés de desenvolver o capitalismo, vem se tornando um meio de obstaculizá-lo.

Mas isso não significa que o capitalismo tenha chegado ao fim da linha. Enquanto for possível ao capitalismo dos antigos países prover uma expansão suficiente dos domínios agrícolas, ele pode continuar se desenvolvendo. É certo que a insurgência da classe trabalhadora pode abalá-lo. Mas até que tenha exaurido os recursos das regiões agrícolas que conseguir tornar subsidiárias de suas atividades, o capitalismo não vai perecer necessariamente num cataclisma econômico.

Essa crise econômica pode ser acelerada pela continuação da atual política imperialista. Essa política não pode durar muito.

Se o imperialismo for necessário à manutenção do método capitalista de produção, essas objeções terão pouco impacto na mentalidade capitalista. Mas deixarão marcas profundas se o imperialismo for apenas um entre os vários meios de garanti-la.

Podemos aplicar ao imperialismo o que Marx afirmou sobre o capitalismo: monopólio gera concorrência e concorrência gera monopólio.

A violenta competição entre as grandes empresas leva à formação de trustes e à destruição das pequenas empresas. Analogamente, pode-se desenvolver na presente guerra uma combinação entre as nações mais poderosas que porá um fim à produção competitiva de armamentos.

Assim, de um ponto de vista estritamente econômico, não é impossível que o capitalismo esteja por entrar numa nova fase, uma fase caracterizada pela transferência das práticas de truste para a política internacional, uma espécie de superimperialismo. A classe trabalhadora poderia se ver forçada a lutar contra essa nova forma de capitalismo, assim como

fez com a velha, mas o perigo daí decorrente apontaria para uma nova direção.

Essa análise foi concluída antes que a Áustria nos surpreendesse com seu ultimato para a Sérvia. O conflito entre essas duas nações não resulta exclusivamente de tendências imperialistas. No Leste Europeu, o nacionalismo ainda desempenha um papel de força revolucionária, e o presente conflito tem origem em razões nacionalistas, bem como imperialistas. A Áustria tentou implementar uma política imperialista; anexou a Bósnia e esteve a ponto de submeter a Albânia à sua esfera de influência. Através desses atos, ela acordou o espírito nacionalista da Sérvia, que se sentiu ameaçada e agora põe em risco o governo austríaco.

A Guerra Mundial estourou, não porque o imperialismo fosse necessário à Áustria, mas porque a Áustria, devido à peculiaridade de sua organização, colocou-se em perigo ao seguir uma política imperialista. Tal política só pode ser ensejada com sucesso por um Estado internamente unificado e que tenha como campo de atuação para suas operações uma região culturalmente atrasada em relação a ele. Contudo, nesse caso, um Estado dividido, com metade da população eslava, tentou pôr em prática uma política imperialista às expensas de um Estado vizinho eslavo, muito próximo em termos de civilização às partes adjacentes de seu inimigo imperialista.

Somente conflitos de interesse entre outras grandes potências sustentadas pelo imperialismo poderiam fazer com que tal política trouxesse resultados tão terríveis para nós. Nem todas as consequências da presente luta já se apresentaram aos nossos olhos. Ela pode levar a uma multiplicação dos armamentos. Nesse caso, a paz que seguirá o conflito não passará de uma trégua. No entanto, de um ponto de vista puramente econômico, não há nada que a impeça de dar origem a uma Santa Aliança entre imperialistas. Quanto mais durar a Guerra, quanto mais se esgotarem os participantes, mais próximos estaremos dessa solução final, por mais improvável que ela possa parecer no momento.

Percalços para traduzir e editar um texto

Diana Berman¹ e Virgínia Fontes²

Queríamos traduzir o artigo *O Imperialismo*, originalmente publicado na *Die Neue Zeit*, mas ele não está disponível na internet. Os diversos sites sobre Kautsky, que disponibilizam boa parte de sua obra, não contêm o texto em alemão. Também não figura no site mais difundido pela internet – www.marxists.org – que oferece o acesso a obras de autores marxistas em diversas línguas, e no qual realizamos inúmeras consultas entre março e agosto de 2008. Dos textos redigidos por Kautsky entre 1911 e 1915 estão disponíveis em alemão apenas três artigos³. Em link sugerido neste site, é possível encontrar o fac-símile do periódico *Die Neue Zeit*, porém apenas para os anos 1892-1893.⁴

Na opção em língua italiana sequer figuram textos de Kautsky. Em espanhol, apenas dois textos, de 1905⁵. Na seção francesa, há um hiato entre os anos de 1912 e 1922⁶. O acesso mais completo aos textos de Kautsky está na seção inglesa, onde figuram, para o ano de 1914, os seguintes artigos: *Imperialism and the War*, cuja fonte provém da *International Socialist Review*, de novembro de 1914, a qual, por sua vez, remete ao original alemão (*Die Neue Zeit*, 11 de Setembro de 1914)⁷, *Preparations for Peace* e *Ultra-imperialism*, também traduzido de *Die Neue Zeit*, setembro de 1914.⁸

Pesquisamos em inúmeras bibliotecas do país, consultando os catálogos disponibilizados online (a começar pela biblioteca do Instituto Goethe), sem sucesso. Foram pesquisados os catálogos digitais da UFF, UFRJ, PUC-RIO, PUC-SP, USP E UNICAMP; além dos sites www.gutenberg.com e www.scholar.google.com.

Há porém uma tradução em português do texto *O Imperialismo*, de Karl Kautsky. Ela integra o livro organizado por Aloísio Teixeira, *Utópicos, heréticos e malditos*.⁹ Nele figura uma referência

bibliográfica completa para o texto – *Neue Zeit*, XXXII, 1913-1914, pp. 908-22. O original foi traduzido para o italiano e editado por Luca Meldolesi (*Kautski – L'imperialismo*. Roma, Laterza, 1980). Desta edição, Andrea C. Gimenez verteu-o para o português.

Frente a isso, optamos por traduzir o artigo *O Imperialismo e a Guerra*, publicado em inglês, em 1914. Comparando os dois artigos disponíveis em inglês na internet com a tradução brasileira de *O Imperialismo*, verificam-se pequenas diferenças. Este último é ligeiramente mais extenso, contendo uma divisão por itens e uma parte introdutória ausente no texto que ora apresentamos. Todos os três artigos remetem ao periódico *Die Neue Zeit* de setembro de 1914. Tudo leva a crer ter havido uma versão inglesa – *O Imperialismo e a Guerra* – realizada no mesmo ano da publicação de *O Imperialismo* em alemão que, com elementos similares aos dois outros artigos, guarda com eles estreita correlação. *O Imperialismo e a Guerra* é uma versão um pouco reduzida de *O Imperialismo*, enquanto o artigo *Ultra-Imperialismo* é uma versão ainda mais reduzida. Todos contêm longas passagens idênticas. Optamos por apresentar a versão mais completa e explicativa e, a nosso conhecimento, ainda não traduzida para o português. O formato apresentado no site em inglês foi aqui mantido.

A referência constando das traduções italiana e brasileira de *O Imperialismo*, que menciona os números das páginas, coincide com a numeração assinalada nos comentários feitos por Lênin sobre o texto de Kautsky (*Die Neue Zeit*, 1914, p. 909 - Lênin, V. *L'impérialisme, stade suprême du capitalisme*. Paris, Moscou; Ed. Sociales / Ed. du Progrès, 1975, p. 133). Lênin cita, aliás, na página 167, outro artigo de Kautsky, sobre o tema da democracia e sua relação com o imperialismo, que

huelga general.

6 Os artigos disponíveis são *Souvenir de la jeunesse: Victor Adler* (1912) e *Rosa Luxemburg et le bolchévisme* (1922).

7 Cf. <http://www.marxists.org/archive/kautsky/1914/09/war.htm>. Acesso em junho de 2008.

8 Cf. <http://www.marxists.org/archive/kautsky/1914/09/ultra-imp.htm>. Acesso em junho de 2008.

9 Rio, Record, 2002.

1 Historiadora formada pela Universidade Federal Fluminense, tradutora e revisora.

2 Professora da Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense.

3 Respectivamente, *Parlamentarismus und Demokratie* (1911), *Der politische Massenstreik* (1914) e *Das der Stunde* (1915).

4 Cf. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k747140>. Acesso em junho de 2008.

5 *Las lecciones de la huelga de los mineros e Polémica sobre la cuestión de la*

mereceria tradução: “É pela democracia pacífica, e não pelos métodos violentos do imperialismo, que as tendências do capital para a expansão podem ser melhor favorecidas” [Kautsky, *Nationalstaat, imperialistischer Staat und Staatenbund*, Nürnberg, 1915, p. 70].

Por fim, agradecemos a extrema gentileza de Rodrigo Castelo Branco, que nos ajudou a enfrentar essa seara para a seleção e a comparação entre os artigos, favorecendo o acesso a diversas publicações de, e sobre Kautsky.